

A velha invisibilidade senil: “*El abuelo*” de Mário Vargas Llosa

Bruna Rafaelle de Jesus Lopesⁱ (UFRN)
Prof. Dr. Gerardo Andres Godoy Farjadoⁱⁱ (UFRN)

Resumo:

O objetivo deste trabalho é discutir, dentro do âmbito da Literatura Comparada o conto “*El abuelo*”, do escritor peruano Mario Vargas Llosa, publicado inicialmente no Jornal *El Comercio*, em 9 de dezembro de 1956. Em 1959 é publicado em *Los Jefes*, uma coletânea de contos que rende ao autor o Prêmio Leopoldo Arias. O conto traz questões sociais que abordam a violência contra a velhice, coloca em evidência a temática da invisibilidade dos idosos e expõe ao leitor os demônios que os inquietam. As ideias aqui desenvolvidas estão fundamentadas nos postulados de Foucault (2012), Cândido (1987), Bakhtin(1997) e Vargas Llosa (2004). O estudo aqui desenvolvido traz uma análise a partir da abordagem da crítica literária de base sócio-histórica.

Palavras-chave: Vargas Llosa, Velhice, Invisibilidade.

1 Introdução

Mario Vargas Llosa, escritor peruano, estreia alguns contos em 1952, e publica *Los jefes* em 1956, o qual rende ao autor o prêmio Leopoldo Alas – volume este que contem seis contos, entre eles aparece “*El abuelo*”. Mas, sua carreira só começa a ganhar destaque após a obra *La Ciudad y los perros*, romance que marcou o segundo momento do “boom” quando recebeu o Prêmio Biblioteca Breve, com apenas vinte e quatro anos, no ano de 1962 – da editora Barcelonesa Seix Barral. Vale salientar que Vargas Llosa ganhou o *status* de cânone, mesmo sem pertencer ao perfil canônico estigmatizado – branco, macho e morto, como preconiza Compagnon em *Literatura para quê?*. Essa referência canônica atribuída a ele se deu devido ao Prêmio Nobel de Literatura que o escritor ganhou em 2010, recebido conforme dito no discurso da premiação “pela sua cartografia de estruturas de poder e suas imagens vigorosas da resistência do indivíduo, revolta e derrota”. Aspectos esses que iremos verificar no conto em questão, o qual traz à baila o discurso do idoso e da velhice.

Este artigo é pautado no que Antonio Candido define como crítica integrativa ou dialética, em que os elementos sociais estão inseridos no conto como um elemento estético intrínseco a ele.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (CANDIDO, 2011. p. 14-15)

“*El Abuelo*” é marcado por características de um conto de terror, o cenário é escuro, traz elementos góticos como, por exemplo, um crânio, uma vela e ambientes misteriosos e sombrios. Toda essa construção faz com que o conto se torne denso, o que causa certo suspense no enredo e acaba por provocar no leitor certos anseios mórbidos. A narrativa gira em torno do desejo de vingança de don Eulogio, um idoso que vive com seu filho, sua nora e seu neto. O alvo será seu neto, mas abarcará todos os outros. A vingança é estimulada pelo sentimento de abandono, invisibilidade e rejeição que o velho sofre no seio de sua própria família. Será esse o nosso foco de análise no presente trabalho, discutir a situação do idoso na nossa sociedade e qual o lugar e função que essa categoria social está ocupando na atualidade. Aqui serão expostos os demônios que atormentam essa parcela da população.

2 A sociedade capitalista e o idoso

A velhice é um destino de todo ser humano, mas cada sociedade encara de maneira diferente essa fase de declínio biológico a qual todo homem está sujeito. Na sociedade capitalista a velhice ganha um caráter de inutilidade, já que o idoso não é mais produtor e nem reprodutor. Essa condição a qual o velho foi submetido é incentivada pela sociedade capitalista que arranca todo o sentimento de continuidade do trabalho. Assim, o filho não mais continuará a obra que o pai começou, fato que agrava mais ainda a ideia de que o velho perdeu o seu valor, já que tudo que ele construiu no passado, foi destruído ou será no futuro. É a partir daí que o idoso começa a desaparecer, visto que todas as coisas que ele realizou perdeu o valor e se torna ameaçado tanto quanto ele.

Outro aspecto que exerce influência direta sobre velhice é a classe social a qual o idoso pertence. Logo, um idoso de uma classe social mais privilegiada irá se proteger por meio do seu poder aquisitivo, ou seja, suas posses e seus bens impedem a sua desvalorização. No caminho inverso, temos um idoso que não exerce poder nem sobre si mesmo, o idoso que não possui e tampouco gera alguma coisa. Esse passa a ser tutelado como uma criança; perde a liberdade de

escolha e fica a mercê da vontade da família, que se ocupa em torná-los cada vez mais dependentes, sendo manobrados de um lado para o outro até que o internem em um asilo, e sua aposentadoria seja “administrada” por outros.

No conto de Vargas Llosa, podemos notar que don Eulogio pertence a uma classe social privilegiada, tendo em vista que a casa na qual mora é bem grande, há uma horta e um jardim, características de uma casa ampla. Outro episódio que nos faz acreditar que don Eulogio está inserido numa classe mais elevada é o fato da família ter mordomos e cozinheiras.

A comparação do idoso com uma criança está sempre presente nos discursos da nossa sociedade, mas será que é do mesmo modo que a sociedade os trata? A criança recebe atenção e cuidados de uma forma diferente do velho. O adulto encara a criança como um indivíduo que precisa e merece investimento, pois para ela há um futuro pela frente. Já com o idoso é diferente, não se trata de um “investimento”, pois o tempo de vida é curto, não dará retorno. Destarte, a relação que o adulto tem com o velho é maliciosa.

Notamos que a sociedade capitalista é prejudicial à velhice, visto que ela anula o idoso quanto sujeito. Há uma hipocrisia em torno dessa categoria social, pois nossa sociedade defende que devemos respeitar o ancião, mas o excluímos de todas as atividades sociais e o convencemos a ceder o seu lugar aos mais novos, atitude que o coloca em uma situação de inexistência, de invisibilidade. Podemos interpretar a situação de don Eulogio, como uma denúncia nesse sentido, pois o velho passa a maior parte do conto escondido.

3 O relacionamento do adulto com o velho

Além da relação do adulto com o velho ser maliciosa é também falsa e superficial. Vargas Llosa nos traz personagens que não interagem com don Eulogio. A narrativa se passa em torno de três dias, e dentro desse tempo não há nenhuma interação entre o velho e sua família. Há ainda reuniões de famílias, conversas das quais don Eulogio não participa. Outro aspecto que afirma esse falta de interação é a ausência de diálogo, o velho não tem voz. Quando aparece algum diálogo que envolva o velho é no imaginário dele, e sempre remetendo ao fato dele ser louco, suposição essa que o atormenta.

Esse quadro de relacionamento frágil entre o adulto e o idoso está pautado na falta de reciprocidade, em que tal contato exerce mais uma atividade de tolerância do que de afetividade sincera. Desse modo, a relação fica pobre, pois não há espaço para atritos – ninguém discute com velho –, assim, a afinidade fica limitada, pois ele não tem a oportunidade de desenvolver as diferenças em meio aos conflitos, que solidificam as relações sociais e principalmente as amizades. As relações sociais do velho são dependentes do modo que o outro o vê, ele não tem espaço para se

autoafirmar, para continuar se construindo como homem, e conseqüentemente sua imagem. Vejamos:

A criança sente voltar para si os reflexos de amor que sua imagem desperta. O velho, ao contrário, não pode realizar sua imagem, concebê-la como é para os outros. A velhice é um *irrealizável*, segundo Sartre; é uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados (um *être-pour-autrui*), que transcendem nossa consciência. Nunca poderei assumir a velhice enquanto exterioridade, nunca poderei assumi-la existencialmente, tal como ela é para o outro, fora de mim. É um irrealizável como a negritude; como pode o negro realizar em sua consciência o que os outros vêem nele? (BOSI, 1987. p. 37).

A velhice é cercada de preconceitos, o que causa uma crise de identificação, pois há uma quebra na própria imagem. O velho vive em declínio, tudo para ele ganha um grau de dificuldade maior que o comum. Llosa expõe isso no conto: *“los ojitos vivaces del anciano, única señal ágil em su rostro fláccido, descolgado en bolsas, iban deslizándose distraídamente sobre el borde del canal paralelo a la carretera, cuando de pronto, casi por intuición, le pareció distinguirla”*. Tudo se torna uma ameaça, uma pequena falha pode ser rigorosamente punida, como acontece com don Eulogio, pelo simples gesto de abaixar-se:

Su primer impulso fue agacharse, pero ló hizo con torpeza, resbaló de la piedra y se cayó de bruces. Sentió um dolor agudo em La frente y em La boca um sabor desagradable de tierra mojada, pero no hizo ningún esfuerzo por incorporarse y continuó allí, médio sepultado em hierbas, respirando fatigosamente, temblando. (LLOSA. 1984.p.100)

Com todas essas adversidades o ancião passa a se sentir diminuído, seu corpo sofreu uma degradação, seus relacionamentos são superficiais, na verdade o velho é tolerado. E se é dessa forma que se dá a relação com o idoso podemos dizer que na verdade se trata de uma discriminação. Por esses motivos o velho engendra uma luta para continuar sendo um homem. Mais uma vez o idoso fica à margem da sociedade, por sua debilidade física e pelo caráter invisível que a sua pessoa adquire nas relações familiares.

4 Demência senil: despojamento psíquico ou social?

Em *“El Abuelo”* fica claro que o que mais incomoda don Eulogio é a censura por parte da família que a todo momento parece julgar seus atos como loucura. A ideia de vingança nasce no sentido de aterrorizar seus familiares por meio de uma caveira em chamas – cena irracional –, para

que ele faça a família que tanto preza pela racionalidade, sinta-se despojada de razão. O fato de o neto ser o alvo da peripécia também merece atenção. Além de o neto ser mais vulnerável ao terror, fato que contribuí para que seus planos deem certo, é uma criança mimada, cheia de vontades, insolente, que devido também as suas molecagens perturba o avô, um exemplo disso, são os gritos que ele dá quando o avô dorme.

Essa situação nos faz questionar se a senilidade é um efeito da senescência ou resultado da rejeição ao velho por parte da sociedade. Antes de tentar sanar essa dúvida é preciso que entendamos a diferença entre senilidade e senescência, a primeira diz respeito a um fenômeno patológico enquanto o segundo é uma fase natural do ciclo da vida. A demência senil é um demônio que atormenta a vida do velho. Percebemos o quão perturbado don Eulogio fica ao imaginar que a família irá taxá-lo de louco, esse pensamento fica martelando a cabeça do velho em todo o curso do conto.

Tenía frío, le molestaba la oscuridad del vasto jardín y ló atormentaba la imagen, persistente, humillante, de alguien, quizá la cocina o el moyordomo, que de pronto ló sorprendía em sua escondreijo. “¿Qué hace usted em la huerta a estas horas, don Eulogio?” Y vendrían su hijo e su hija política, convencidos de que estaba loco. (LLOSA. 1984.p.95-96)

O receio de don Eulogio de ser julgado como louco é, entre outras coisas, o medo de perder mais ainda a sua autonomia enquanto sujeito, de esse ser mais um marco da desumanização para a coisificação – o “sujeito-objeto” – que o idoso é submetido em nossa sociedade. Vargas Llosa por meio de don Eulogio suscita uma discussão importante, nos leva a questionar o conceito de demência senil. Ou seja, se a tal demência senil é resultado de perturbações cerebrais ou se essas pseudodemências são frutos de fatores psicossociológicos agravados devido aos maus tratos, ao abandono, à invisibilidade a qual o idoso é submetido; e principalmente por interferências devido a internações em clínicas psiquiátricas, onde o ancião é lançado à própria sorte, separado de todo e qualquer estímulo psíquico ou qualquer importância vital. Desse modo, o velho só tem a desejar o próprio fim e torcer para que seja o mais breve.

Foucault faz reflexões admiráveis a respeito de hospitais, principalmente os psiquiátricos. Ele começa a descrever a história dos hospitais e toca no papel que exercia o médico do asilo no século XIX, e ainda exerce em algumas instituições hospitalares. Sua função permite que ao mesmo tempo em que pode dizer a verdade sobre a doença a partir do conhecimento que tem dela, também pode produzir a doença pelo poder que sua vontade exerce sobre o doente:

Todas as técnicas ou procedimentos efetuados no asilo do século XIX –

isolamento, interrogatório particular ou público, tratamentos–punições como a ducha, pregações morais, encorajamentos ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, recompensa, relações preferenciais entre o médico e alguns de seus doentes, relações de vassalagem, de posse, de domesticidade e às vezes de servidão entre doente e médico – tudo isto tinha por função fazer do personagem do médico o "mestre da loucura"; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, a acalma e a absorve depois de tê-la sabiamente desencadeado. (FOUCAULT, 2012. p. 203)

Basaglia que já traz um estudo pautado no século XX defende que a características das instituições – escola, usina, hospital, asilo –, “é uma separação decidida entre aqueles que têm o poder e aqueles que não o têm”. Ele coloca tudo como uma questão de poder, em que se pode dominar o poder do louco – ou do idoso –, neutralizar os poderes externos que possam se exercer sobre ele, e assim constituir um poder terapêutico e de adestramento. Dessa forma, o poder do médico tem a capacidade de aumentar e também de diminuir o poder do doente, que pelo fato de estar internado perde seus direitos quanto cidadão, abandonado ao capricho dos médicos, que exercem absoluto poder sobre eles, e assim podem manobrá-los da forma que bem entendem, sem que o doente ou o idoso tenha a possibilidade de escolher, e caso ele recuse, não se hesitará em usar a força. Então, ele passa a ocupar mais uma vez um papel de passividade.

Vargas Llosa nos faz ver que essa degradação senil poderia ser evitada se o idoso continuasse engajados em atividades que o transcenda, como é o caso de don Eulogio, que sai do seu lugar passivo para exercer uma atividade que dá significado aos gestos cotidianos. Esse ato, esse sentimento de vingança lhe devolveu a vida, a excitação, ou pelo menos a satisfação de sentir alguma coisa, de se sentir humano, capaz de sorrir e chorar. Observamos na narrativa que a os passos, os preparativos, os resultados dessa vingança fizeram o velho sentir a vida pulsando novamente. Vejamos alguns trechos do conto que denotam isso:

“A medida que la seda blanca de la bufanda se cubría de lamparones grises, sin que disminuyera la capa de suciedad, iba creciendo la excitación de don Eulogio.” (LLOSA. 1984.p.99)

““Se há prendido”, exclamó maravillado. Había quedado inmóvil y reptía como um disco “fue el aceite, fue el aceite”, estupefacto, embrujado ante la fascinante cavallera enrollada por las llamas”. (LLOSA. 1984.p.101)

“Em la calle, um viento frío hendió su frente y sus escasos cabellos, pero no ló noto y siguió caminando, despacio, rozando com el hombro el muro de la huerta, sonriendo satisfecho, respirando mejor, más tranquilo.” (LLOSA. 1984.p.102)

Em “A verdade das Mentiras”, Vargas Llosa discute a veracidade das obras literárias e questiona se a literatura deve firmar compromisso com a verdade, no sentido de retratar a sociedade que a produz. Podemos dizer que as mentiras da ficção reproduzem uma sociedade não no sentido documental, de representar as vidas pertencentes a ela, mas no sentido de expor os fantasmas que as afligem. Ou seja, a personagem tem o direito de se transformar para quebrar as barreiras que a limita e a frustra. Nesse sentido, o conto “El abulo” é cheio de “mentiras” que dominam don Eulogio para driblar o inconformismo do idoso com a vida.

Em suas considerações introdutórias sobre a poética de Dostoiévski, Bakhtin afirma que “A posição da qual se narra e se constroi a representação ou se comunica algo deve ser orientada em termos novos face a esse mundo novo, a esse mundo de sujeitos investidos de plenos direitos e não a um mundo de objetos” (BAKHTIN, 1997, p. 5). Adequando tal proposição ao contexto de análise de “*El Abuelo*”, podemos considerar as personagens como sujeitos investidos de plenos direitos, entre os quais está o direito de ser “veículo de sua própria palavra, dotado de valor e poder plenos” (BAKHTIN, 1997, p. 3).

Conclusão

As discussões feitas aqui em torno da velhice denunciam uma sociedade hipócrita. A invisibilidade senil é resultado de uma desvalorização não só do idoso, mas do homem, do trabalhador. Este entra num processo de degradação a partir do momento em que “perde a capacidade” de produzir e gerar lucros. Então, como reverter essa situação de destruição que os homens inseridos nessa sociedade pragmática – que o imerge numa eterna competição – estão submetidos? O primeiro passo seria entender que cuidados geriátricos não restituem a saúde física e muito menos a saúde mental. Esse grupo que fica à margem da sociedade não precisa de asilos, precisa de casas decentes para a velhice, que não os afastem do mundo, por isso esse tipo de instituição deveria ser abolido da sociedade.

É preciso que haja uma reforma cultural, no sentido de fazer com que o velho ocupe o seu lugar no mundo, tenha voz e seja respeitado como sujeito. Para isso é necessário que criemos uma cultura que permita que o idoso se engaje em atividades, seja no âmbito trabalhista, lúdico ou até mesmo um engajamento focado em lutas por direitos, ou por satisfação próprias como don Eulogio. Esse ambiente permitiria que o homem na realização da sua velhice continue sendo tratado como

um homem e não mais como “sujeito-objeto”.

Os demônios que infernizam esta parcela da população estão mais focados em excluí-los, em colocar em dúvida sua humanidade, isso não acontece só no âmbito do idoso, mas com todas as minorias. A diferença está no sentido da luta, os outros grupos subalternizados têm suas forças para reagir, enquanto o velho já ocupou um lugar de passividade tão enraizado, já foi historicamente fragilizado pela sociedade sistemática que se encontra completamente sem armas, sem força. Desse modo, a luta tem que partir de outros, de nós.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CANDIDO, antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LLOSA, Vargas Mario. *A verdade das mentiras*. São Paulo: Arx, 2004.

LLOSA, Vargas Mario. *Los jefes/Los cachorros*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1984.

FOUCAULT, Michel. A casa dos loucos. In. _____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

i **Bruna Rafaelle de Jesus LOPES, mestranda.**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

PPGEL.

bruna.lope89@yahoo.com.br

ii **Gerardo Andres GODOY FARJADO, Prof. Doutor.**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

PPGEL.

godoyfajardo@yahoo.com.br